

De que forma e com quais benefícios poderia ocorrer a (re)interpretação da obra “Harry Potter” por meninas de 12 anos

Vanessa da Silva Brenner Slongo

Introdução

“[...] uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas.” (SOARES, 2011, p. 8)

Há algum tempo, a literatura juvenil recebe diversas obras que rapidamente têm se tornado sucesso de público. Seguidora de redes sociais e fascinada por mídias voltadas ao público infantil e infantojuvenil, tenho observado inúmeros agradecimentos destes jovens leitores a escritores, informando-os o quanto teriam aprendido com a leitura de suas obras. Paralelamente, há um alto índice de evasão escolar e desinteresse advindo de uma educação “distante” que não busca se aproximar da realidade dos jovens. Partindo do que se propõe a educomunicação que, resumidamente, segundo SOARES (2011), bus-

ca trazer uma educação para a autonomia, leitura crítica da mídia, protagonismo, cidadania, direito de expressão e gestão democrática inserida no cotidiano dos jovens, busquei, através de uma investigação, traços que sugiram ser pertinente utilizar os citados livros de sucesso para propostas educacionais voltadas aos jovens. (SOARES, 2011, p. 8)

Para discorrer sobre o tema, este trabalho começa com um rápido esboço dos motivos do surgimento da literatura para jovens. Em seguida, para que se possa embasar o vulto de vendas de obras amplamente procuradas pelo público analisado, vislumbraremos brevemente o mercado atual voltado a este público. Em um segundo momento, observando as nuances das sagas mais lidas por pré-adolescentes brasileiros na atualidade, relataremos um pouco sobre a obra utilizada e como ela se adequa a esta pesquisa. Pontuamos que a investigação só foi possível pela existência de uma obra reconhecida pelas quatro jovens participantes do presente trabalho, imprescindível como ponto em comum no *background* do universo pesquisado para que todas se sentissem envolvidas no processo.

Passando para o momento seguinte do trabalho, introduz-se brevemente o grupo estudado, lembrando que tal grupo faz parte de uma das inúmeras juventudes e não representa a totalidade da juventude plural existente no Brasil. Nesta terceira etapa, serão apresentadas as informações obtidas através de questionários e conversas realizadas com o grupo de jovens que fizeram parte da pesquisa. A partir desse estudo de caso, apresentaremos as considerações alcançadas, perspectivas possíveis e descobertas observadas.

Histórico da literatura infantil

Uma vez que a literatura infantojuvenil tem como base a trajetória da literatura infantil, faz-se necessário um breve histórico do surgimento dos livros infantis. Historicamente, de acordo com Zilberman,

somente após mudanças na sociedade ocorridas no século XVIII que a burguesia capitalista teria mudado algumas questões referentes ao comportamento familiar, com características como individualismo, privacidade e promoção de afeto (ZILBERMAN, 2003, p. 71). Estas características permitiram que fosse desenvolvido um interesse genuíno pela criança, o que deu origem aos primeiros tratados de pedagogia. Segundo a mesma autora, no séc. XVIII, houve a valorização dos filhos e a diferenciação da infância no que diz respeito à faixa etária, sendo a criança separada do mundo adulto e da realidade exterior, já que não era mais vista como um “mini-adulto”, permitindo o surgimento do ensino infantil.

Nesse íterim, Charles Perrault, no séc. XVII, destaca-se como precursor dos contos de fada, até então contos e lendas advindos da idade média, a princípio não voltados para criança, como “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Jõao e Maria” e “Rapunzel”. A Perrault recai o caráter didático e a ligação com o caráter popular. Aos irmãos Grimm, no início do séc. XIX, coube a adaptação destas obras para o público infantil

Os contos de fadas recriados pela literatura do século XIX, viviam atender aos anseios da classe burguesa dominante. Daí a se perceber a diferença entre Chapeuzinho Vermelho narrado por Perrault (séc. XVII) e o mesmo personagem descrito por Grimm e Andersen (séc. XIX). No primeiro caso, Perrault empresta a Chapeuzinho Vermelho uma personalidade revestida de beleza, uma menina atraente e intrépida. No segundo caso, os irmãos Grimm dão a ela atributos moralizantes: boa, carinhosa, obediente, entre outras qualidades moralizadoras atreladas aos interesses sociais (LIMA, 2007, p.1)

Estas obras possuem caráter mágico no sentido da resolução dos problemas depender de um acontecimento extraordinário para que os impasses apresentados sejam resolvidos. No decorrer dos sécu-

los, com os conflitos do mundo moderno, as histórias trouxeram elementos que foram permitindo identificação com o mundo do leitor através da aquisição de um caráter mais realista, com personagens em conflito representando o final da infância e início da adolescência, mesmo que muitas vezes estas histórias permeassem o universo extraordinário junto ao cotidiano. Temos como exemplo a saga do mundo mágico de “Harry Potter”, de J.K. Rowling, com mais de 450 milhões de cópias vendidas no mundo¹, ou a saga de cunho mitológico “Percy Jackson e os Olimpianos”, de Rick Riordan, com mais de 15 milhões de vendas no mundo². Já algumas criações brasileiras como a saga “Fazendo meu filme”, de Paula Pimenta, com mais de 1,25 milhões de livros vendidos³ ou a saga de “Malu”, personagem de Thalita Rebouças, que já vendeu mais de 2 milhões de livros⁴, abordam um possível cotidiano no mundo real. Relacionamentos com adultos, entre amigos e relacionamentos amorosos, vida na escola, crescimento e descobrimento são temas regularmente encontrados e que se propõem a permitir, por parte do jovem leitor, identificação imediata.

O segmento juvenil – e, mais especificamente, o mercado literário voltado a este público – tem crescido muito no país. Entre 2008 e 2009, por exemplo, os livros juvenis estiveram na 4ª posição dos exemplares mais produzidos pelas editoras, permitindo aos jovens

1 Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/07/harry-potter-e-crianca-amaldicoada-sai-em-31-de-outubro-no-brasil.html>. Acesso em 01 fev. 2017

2 Fonte: <http://www.intrinseca.com.br/livro/137/>. Acesso em 01 fev. 2017

3 Fonte: <http://blogs.oglobo.globo.com/afonso-borges/post/paula-pimenta-fazedora-de-leitores.html>. Acesso em 01 fev. 2017

4 Fonte: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/thalita-reboucas-chega-ao-seu-21-livro-tem-seis-filmes-em-producao-19311469>. Acesso em 01 fev. 2017

a oportunidade de ver, ao menos parte, seu mundo identificado em obras literárias⁵.

É importante salientar que estas obras não pertencem ao aprendizado formal escolar atual do Brasil, que pouco acrescenta à (re)identificação dos alunos. Conforme Soares (SOARES, 2011, pag. 26), "o que falta na escola, os jovens buscam em outros espaços". Além disto, a indústria do entretenimento, através de canais de TV (aberta e fechada), cinema e internet, majoritariamente, têm auxiliado a paixão pelas sagas tão adoradas por muitos jovens: além dos livros, encontramos dedicados a elas, filmes oficiais, filmes de fãs, redes sociais e clubes "reais", dentre outros, formam um intrincado exemplo de transmídia. De acordo com SANTOS, isto "[...] rompe as fronteiras narrativas possibilitadas pelo texto com o qual entra em contato [...]"(SANTOS, 2016, p. 21), permitindo uma imersão intensa em mundos literários atrativos complementados por conteúdo advindo de inúmeros meios visuais pertencentes ao cânone oficial ou mesmo gerado por fãs na forma de *fanfics*⁶.

Comparativamente com o que ocorria há algumas décadas atrás, percebe-se que há uma maior gama de escolhas para "puxar" os jovens para a leitura de entretenimento, bem como mais ferramentas de imersão no mundo literário escolhido.

O mundo de Harry Potter

A história de Harry Potter foi desenvolvida em sete livros cujas vendas atingiram a marca de mais de 450 milhões de exemplares, traduzido

5 Fonte: <http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/05/ven-da-de-livros-infanto-juvenis-cresce-e-segmento-ganha-destaque-no-pais.html> e <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385279-segmen-to-juvenil-lidera-crescimento-nas-vendas-de-livros-em-2013.shtml> Acesso em: 03 fev. 2017.

6 Resumidamente, fanfics são histórias criadas por fãs que se passariam no universo da obra.

para 79 idiomas em 200 países⁷. Além disto, recebeu adaptação para oito filmes (o último livro foi adaptado para dois filmes) que ultrapassaram US\$7 bilhões nas bilheterias⁸. Com estes números, a saga de Harry Potter é senso comum de boa história entre crianças e jovens. É importante ressaltar que, apesar de ser escrita para o público jovem, a obra conta com admiradores de todas as idades.

A saga narra as agruras de Harry Potter, órfão criado com má vontade por seus tios não bruxos (ou “*trouxas*”, no jargão do enredo em português), que descobre ser bruxo em seu aniversário de 11 anos. Ele, então, começa a frequentar uma escola de magia e bruxaria, Hogwarts. A narrativa se passa durante sete anos nos quais, além de conhecermos o extraordinário mundo bruxo no qual Harry Potter precisa confrontar seu antagonista que quer matá-lo, o “*lorde das trevas*” Voldemort, é possível acompanhar o crescimento de Harry Potter. Também acompanhamos momentos na vida de seus dois melhores amigos (Rony e Hermione) e demais colegas, que vivenciam diversas questões e sentimentos marcantes que abarcam o final da infância e parte da adolescência, como amizade, amor, morte, preconceito, ira, ciúmes, escola, provas, professores, *bullying* etc.

Assim como os personagens, o conteúdo amadurece através dos livros: a linguagem vai deixando de ser simples, as situações vão adquirindo um tom sombrio e perdendo um pouco de seu caráter cômico, as personalidades vão se tornando mais marcantes. Além da realidade normal vivida por qualquer adolescente, a magia permeia a história e

7 Fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/harry-potter-completa-20-anos-relembre-historia-e-veja-numeros-da-saga.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2018.

8 Fonte: <https://cinema.uol.com.br/noticias/reuters/2011/07/22/filmes-de-harry-potter-ultrapassam-us7-bi-nas-bilheterias.htm> Acesso em: 02 maio 2017.

até ajuda na resolução de alguns dos problemas do mundo mágico (o complicado feitiço patrono, por exemplo, afasta as criaturas malignas chamadas *dementadores*, que sugam a alma dos bruxos até não restar mais nada) ou mesmo detalhes do mundo *trouxa* (como feitiços para alisar o cabelo, acabar com espinhas ou reduzir tamanho dos dentes). É possível encontrar nos livros muitas analogias com o mundo real: classes sociais (uma determinada família de bruxos usa vestes de segunda-mão e compra livros didáticos usados, um ex-aluno que foi expulso da escola e hoje trabalha nela), *bullying* (bruxos *sangue-puros* ridicularizam a imagem daqueles que são filhos de *trouxas*, a existência de personagens que, mesmo sendo *sangue-puros*, não conseguem conjurar feitiços), guerras (o antagonista com características assimiladas à Hitler: origem humilde, infância conturbada, ascensão ao poder, necessidade de eliminar os pares “inferiores”), diversidade (há orientais, judeus, negros, gigantes, elfos), ética, dentre outros. Há, até mesmo, vislumbre de personagens não maniqueístas, como um dos integrantes da história, Sirius Black, bem descreve: “[...] o mundo não está dividido entre os bons e os Comensais da Morte”. (ROWLING, J.K. 2003 p. 251)

Além dos sete livros principais e oito adaptações cinematográficas, há outras possibilidades de imersão na história como livretos escritos pela autora J.K.Rowling que simulam livros existentes dentro da própria história de Harry Potter (como, por exemplo, “Animais Fantásticos e Onde Habitam”, citado em “A Pedra Filosofal” como parte integrante da lista de livros exigidos em Hogwarts⁹). Há, ainda criações de fãs engajados, como a *home page* brasileira reconhecida pela autora J.K. Rowling (www.potterish.com), diversos canais brasileiros no Youtube (com destaque para o Observatório Potter - <https://www>.

9 Site oficial da série Harry Potter www.pottermore.com.

youtube.com/user/observpotter - o mais antigo do Brasil que, em maio de 2017, contava com mais de 500.000 inscritos), diversos *podcasts* (espécie de programa de rádio que fica disponível para se ouvir através de *streaming* via internet) etc. Assim, é possível perceber uma incrível parcela brasileira no *fandom* (comunidade informal de fãs) de Harry Potter, revelando uma espantosa comunidade de *potterheads* (especificamente, fãs da saga de J.K. Rowling). É possível perceber a profundidade do engajamento que a obra permite, uma vez que, nas palavras de SANTOS, a “[...] formação da comunidade (é) motivada apenas pelo sentimento de admiração pela obra da qual se é fã”. (SANTOS, 2016, p. 54)

Investigação e respectivos dados

Para a fluidez da necessária discussão entre os integrantes do grupo investigado, foi necessário buscar jovens pertencentes a uma turma que tivesse consumido uma mesma obra voltada a sua faixa etária. A média dos 12 anos foi escolhida para minimizar o que, de acordo com Belloni, ocorre com crianças na faixa de 8 a 10 anos: confusão entre a realidade e a ficção. No exemplo dado por ela, o longametragem “Rambo” era confundido com notícias do telejornal por crianças menores (BELLONI, 2010, n.p).

Foi selecionado um grupo com quatro meninas, que optamos aqui nomear como (K., L., M., N.), para resguardar suas identidades. As jovens, com 12 anos, foram entrevistadas na residência de uma delas. Advindas da mesma classe de uma escola cuja educação é baseada na pedagogia *Waldorf*, as quatro meninas são amigas e, dentre os assuntos que conversam entre si, está a saga de Harry Potter. Faz parte dos princípios do colégio citado que os pais participem da vida escolar das crianças. Ambas pertencem à famílias de classes sociais A/B. Quatro meninas, de um grupo inicial de seis, obtiveram consentimento

dos pais para participarem da pesquisa (duas outras não obtiveram tal consentimento).

A pesquisa foi realizada através de questionário individual, que permitiu uma breve análise particular das integrantes, e de uma conversa informal em grupo, facilitada pela integração já existente entre as meninas, bem como pelo conhecimento prévio da investigadora. M., que tem dislexia¹⁰, chegou primeiro ao local da entrevista com uma mochila contendo todos os livros, todos os filmes e diversos desenhos muito bons feitos por ela. Mostrou-se extremamente comunicativa e muito feliz em mostrar todo o conteúdo da mochila enquanto esperava as demais.

Após todas estarem presentes, iniciou-se a pesquisa propriamente dita. Apesar de saberem de antemão que participariam de uma conversa sobre o que pensavam a respeito de Harry Potter, se mostraram ansiosas ao iniciar o questionário. Perguntaram o que aconteceria caso “respondessem errado”, e, mesmo após serem comunicadas que os papéis em frente a elas não representavam uma “prova”, e sim dúvidas a respeito da percepção individual dos livros, perguntaram se poderia ser escrito a lápis ou era obrigatório caneta, se havia número mínimo de linhas para as respostas e se precisavam responder com respostas “completas” (conforme me explicaram, isto significa colocar as mesmas palavras da pergunta no início da resposta – do tipo P: “O que você mais gosta de comer?” R: “O que eu mais gosto de comer é xxxx”). O bate-papo de mais de uma hora que veio a seguir mos-

10 Dislexia, de acordo com a International Dyslexia Association, é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizado por dificuldade no reconhecimento preciso/fluyente da palavra, em sua decodificação e soletração – pode ocasionar, dentre outros sintomas, falta de interesse por livros impressos e dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita

trou-se leve, e os assuntos paralelos que mais surgiram foram sobre meninos, beijo, estudo, sonhos e desejos.

Apesar da dificuldade em escrever de M. e de sua decepção ao ver, “muita coisa pra responder”, só deixou uma questão em branco. Durante o decorrer da conversa sobre o tema, mostrou ter domínio do conteúdo dos livros, inclusive reconhecendo algumas das inúmeras passagens distintas dos filmes. Assim, demonstrou um grande engajamento na leitura apesar de suas dificuldades: os livros são densos, com o número de páginas crescendo bastante de um para o outro, e requerem muita atenção a detalhes.

O questionário revelou que L., M. e N. leram todos os livros e tiveram um primeiro contato com a saga através da influência dos pais com aproximadamente sete anos. K., que informou não ter lido nenhum livro, tomou conhecimento da saga através de N., quando tinha sete anos. Todas assistiram os oito filmes. É importante ressaltar que a escola onde estudam, assim como as demais escolas de mesma pedagogia no Brasil, recomenda restringir o uso da televisão por temer limitar o desenvolvimento da imaginação e por se preocuparem com os efeitos físicos da mídia na criança em desenvolvimento e com o conteúdo de grande parte da programação¹¹.

As quatro meninas possuem objetos pertinentes às histórias dos livros, sendo que três delas confeccionaram alguns manualmente (L. fez pulseirinhas, N. fez uma varinha, M. fez desenhos) e K. não confeccionou nada, mas possui a varinha mágica de Harry Potter adquirida em um parque temático dedicado a ele, em Orlando. Sobre personagens preferidos, L. foi a única a escolher personagens adultos (*Sirius*, padrinho do Harry Potter, e *Dumbledore*, diretor da escola de Bruxaria e Magia onde Harry Potter estuda), além do próprio jovem Harry, por serem

11 Fonte: <http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br/Perguntas-Frequentes.php> Acessado em: 23 maio 2018.

“os mais honestos e legais”. N. informou que prefere *Gina* (irmã do melhor amigo de Harry Potter, de quem se tornou namorada). Quando questionada sobre a preferência, disse que ama cavalos, e que o *patrono* de Gina é um cavalo (“patrono” é um feitiço que conjura um animal etéreo para defender quem o conjurou dos *dementadores*, seres do mal que sugam a alma dos bruxos). N. informou ainda que fez um teste *online* no site oficial de Harry Potter (www.pottermore.com) e descobriu, muito feliz, que seu *patrono*, assim como o de sua personagem preferida, também é um cavalo. Ainda sobre personagens preferidos, K. revelou preferir *Hermione*, (melhor amiga de Harry, extremamente estudiosa e inteligente) por ser “inovadora e diferente dos outros personagens”. M. revelou ter afeição pelo trio protagonista, mas não especificou o porquê. Uma das perguntas questionava se elas conheciam alguém (no questionário lia-se “amigo, parente, professor etc...”) parecido com personagens dos livros. As quatro citaram personagens jovens, sendo que apenas L. focou-se na aparência física, tendo as outras três também citado semelhanças de personalidade, como “ser estudiosa” ou “ser sonhadora”. Quando questionado se elas próprias teriam semelhanças com algum personagem, apenas M. deixou a questão em branco. L. informou que as amigas a achavam parecida com *Fleur* (estudante de intercâmbio advinda da escola de magia da França) por aparência física e qualidades, N. disse ser parecida com Cho Chang (personagem chinesa que namora Harry Potter), já que ambas são orientais e K. disse ser parecida com Padma (personagem indiana que é colega de Harry Potter), por gostar do menino mais “famoso” da turma (em sua opinião, Padma gosta de Harry).

Uma das questões perguntava se havia acontecido algo com as entrevistadas semelhante a alguma cena dos livros/filmes. Duas responderam que não havia acontecido nada parecido, N. informou que perdia coisas como na *Sala Precisa* (sala mágica que aparece e desaparece conforme uma determinada sequência de atos é realiza-

da pelos alunos, muito usada para esconder objetos) e que um colega havia, em suas palavras, “lido literalmente” seus pensamentos, enquanto L. disse que uma colega havia dado um chocolate para um menino que, depois disto, tinha ficado apaixonado por esta colega (provavelmente em alusão aos chocolates com “feitiço do amor” ingeridos por Rony, melhor amigo de Harry). Além destas comparações, não foi citada neste momento por nenhuma delas as inúmeras cenas normais de pré-adolescentes que aparecem na saga, como ir a uma festa, estudar para uma prova, não gostar de algum professor, discutir com os adultos.

Quando indagadas com quem conversavam sobre Harry Potter, todas informaram como resposta as amigas. N. respondeu que conversava com a tia e com M., enquanto K. respondeu que conversava sobre a saga com a mãe. Quando indagado se gostariam de vivenciar em suas vidas algo que tivesse ocorrido nos livros, ambas citaram coisas mágicas, como voar de vassoura ou ser bruxa – não houve referências a acontecimentos cotidianos, como namorar com o menino que gosta, apesar do assunto sobre namoro desvinculado da saga tomar grande parte do tempo estabelecido para a conversa. Quando questionadas sobre outros livros que já leram e gostaram, N. e L. citaram *Percy Jackson* (de Rick Riordan) por ser semelhante a Harry Potter pela “ação, aventura, mágica e suspense”, K. citou *Minha Querida Assombração* (de Reginaldo Prandi), por ser “bem diferente dos outros livros que havia lido” e M. citou a trilogia *Bússola de Ouro* (de Philip Pullman). Nenhuma citou os livros existentes como leitura obrigatória pela escola.

A conversa posterior começou com assuntos não pertinentes à saga. Enquanto os questionários eram coletados, as meninas começaram a falar sobre colegas fora do círculo do colégio e namorados bonitos (nenhuma das 4 informou ter namorado). Citaram que a atriz que interpreta a *Hermione* “era muito feinha” nos primeiros filmes, mas

que depois ficou “muito bonita”. M. informou ter tido um pesadelo com ela e o professor *Quirrell* (um dos professores da escola de Harry Potter que se revela do mal), mas antes que pudesse contar, N. começou a implicar com o modo como M. havia pronunciado o nome do professor. M. explicou que leu os livros antes de assistir os filmes e não sabia como era a pronúncia “correta”, e que mesmo depois dos filmes já tinha o nome “pronunciado em português” daquele modo na cabeça e tinha dificuldades em pronunciar “corretamente”. N. falou que “em português falado fica muito feio”, parecendo “gente de favela que não sabe falar direito”. M. mudou de assunto e informou ter ficado muito triste quando assistiu o último filme, com sensação de vazio, que não teria mais a saga como aventura a acompanhar. As demais meninas concordaram e fizeram feições de tristeza.

Quando informei que haveria um novo filme contemplado no mesmo mundo de Harry Potter, as 4 informaram já saber e concordaram que ia ser legal, mas como “não teria o Harry Potter”, nas palavras delas, “não seria tão bom”. N. falou que já havia lido o “livro oito”, referindo-se ao roteiro de uma peça de teatro oficial que conta a história do trio em idade mais avançada e com seus respectivos filhos. Informou ser muito legal, já que “aparece o Harry, a Gina, o *Draco* – o Draco está bem mais legal” (*Draco* é o oponente mirim do protagonista dentro da *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*). As demais informaram que não haviam lido o “oitavo” livro. L informou que, apesar disto, N. já o havia contado inteiro para ela. Começaram a discutir sobre como um roteiro é escrito.

Devido ao tempo, voltei ao assunto da saga principal, perguntando se havia algo dos livros que elas usassem para a vida. M. foi a primeira a informar e responder, da maneira que entendeu, dizendo: “do primeiro livro tirei a lição que a vida pode mudar em uma noite”. As quatro começaram a discutir o que mais poderiam “ter aprendido”, e frases como “sua vida pode mudar com uma carta”, “nem sempre os

mais chatos são os piores”, “quem você menos gosta pode se transformar no seu melhor amigo/namorado” foram surgindo no meio da discussão sobre o primeiro livro. M., sempre muito participativa, citou ter ouvido no “Observatório Potter” (canal do youtube sobre Harry Potter) uma “pista de que o Rony gostava da Hermione”, e comentou sobre o trecho do filme onde isto ocorria. K. falou que assistia de vez em quando o Youtube com sua mãe, M. falou que às vezes assistia escondido no *lpad* à noite, pois sua mãe havia proibido assistir alguns canais do Youtube. N. também informou assistir Youtube escondido da mãe às vezes. L. informou não acessar internet¹².

M. continua o assunto sobre as passagens do livro “aprendidas para a vida”, agora falando sobre o segundo livro. Ela diz que “não se pode acusar sem antes ter certeza, pois acusaram o Draco e o Hagrid e não era nenhum dos dois”, referindo-se à abertura da “câmara secreta”, mote do segundo livro. O assunto volta a ser o cotidiano das meninas. Começam a falar sobre o menino que uma das presentes gosta. Depois, lembram de uma cena de beijo em um dos livros e começam a falar sobre quais amigas já beijaram alguém. K. diz que M. já beijou um menino. L. diz que já beijou também quando tinha 6 anos, então não poderia mais ser considerada “boca virgem”. M. diz que sua irmã de 7 anos já havia beijado “de língua”, e que era a “popular” da turma. M. retoma, de novo, agora com uma mensagem que lembrou do terceiro livro e o que diz parece ser uma frase desconexa, já que as amigas não entendem: “cai fora que vem coisa, coelhinho voador”. E continua: “Gente, vocês não entenderam? O patrono da Luna”. As meninas dizem que entenderam. Eu, apesar de ter lido os livros e saber que o patrono da Luna é um coelho, não entendo. K. interrompe a história, dizendo que o Harry é um ótimo amigo, e compara com

12 A pedagogia Waldorf inibe o uso de internet até o ensino médio (nona série na seriação Waldorf).

seu melhor amigo quando tinha 8 anos, o menino J.; N. diz que acha que os livros são legais e os filmes também, pois as vezes se enxerga na história, já que tem a mesma idade (N. leu praticamente um livro por ano desde os 8 anos, tendo seu crescimento acompanhado o do protagonista da história; após fazer 12 anos, leu os três últimos livros em sequência).

L. diz que no livro 3 percebeu que aparência não é tudo. Todas concordam que o ator que interpretou um dos alunos da história, o personagem Cedrico, é muito bonito. N. diz que ele também “fez o filme Crepúsculo, ele é super lindo”. Duas das meninas assistiram o filme em questão e concordaram.

M. diz que percebeu no livro 4 que “às vezes você pode achar que o perigo está longe, e ele está bem perto”. E ainda avisa para as amigas “cuidado com a morte”. Neste ínterim, as meninas se servem de suco e começam a divagar a respeito de sucos de “gosto” forte, sabores e marcas de suco, sucos muito (ou pouco) doces. L. volta à “mensagem” do livro, dizendo que “tem que estar sempre atento ao perigo”. A conversa continua, agora sobre doces e salgados. M. informa que come doce escondido da família conta para a mãe que foram as irmãs ou o pai, e a mãe nem desconfia. N. lembra dos “feijõezinhos mágicos” (balas que podem ter qualquer sabor, desde cereja até cera de ouvido) dos livros e seus sabores. Diz que as balas de sabores estranhos já existem “no mundo real”.

O assunto sobre os livros continua. N. diz que no livro 5 “aprendeu” que “tem sempre uma armada te protegendo”, referindo-se à “Armada de Dumbledore”, um grupo de estudantes que contraria as normas do ministério da Magia e começa a estudar “defesa contra as artes das trevas” por conta própria. N. também cita haver sempre alguém, um “amigo”, ao seu lado. Ela continua: “Tipo quando o Harry achou que ninguém acreditasse nele e quando a Hermione chamou o pes-

soal, foi todo mundo com ele”, referindo-se à cena na qual Hermione convoca os colegas a terem aula de defesa das artes das trevas com o aluno Harry como professor e, vários alunos vão à primeira reunião. M. diz que “o Simas não acreditava nele por que a mãe do Simas não acreditava”. E diz que “em qualquer lugar tem alguém do mal esperando para te atacar, tem que estar sempre prevenido”. N. completa, informando que “existem aquelas pessoas de rosinha, que parecem todas fofinhas, que nem a Dolores Umbridge (professora ditatorial que se veste sempre de rosa e aparenta ter modos contidos e educados), que na verdade são bem chatas”. “Não se confia na aparência, há uma professora nossa que a gente chama de bruxa, ela parece ser do mal, do lado negro da força” (alusão aos antagonistas dos filmes da franquia de Star Wars). Ela continua: “Não se confia demais em quem parece ser muito bonzinho. Ah, eu odeio a risadinha dela (referindo-se à professora Umbridge), aí ela levanta com aquele sorriso”. Como a professora em questão trabalha para o Ministério da Magia no último livro da saga, cito que ela entrou não só para dar aula em Hogwarts. Uma das meninas diz que a Hermione havia percebido isto no discurso feito pela Umbridge no primeiro dia de aula.

Entro, aqui, com um adendo: a história de Harry Potter traz inculcadas diversas facetas da política, como autoritarismo, luta pela supremacia, hierarquia social, tortura, conflitos étnicos, burocracia, dentre outros. Lembrando disto, pergunto o que elas entenderam quando a Hermione citou que o Ministério da Magia iria interferir em Hogwarts, mas ninguém fala nada. O silêncio momentâneo não parece nem um pouco com o ruído de 4 meninas conversando que se ouviu até alguns minutos atrás. Pouco depois, N. continua discursando sobre o que percebeu no livro, e diz que a vida deixa marcas. “Literalmente”, complementa. Tento entender se é alguma resposta sobre o que perguntei, mas entendo que ela está se referindo a quando a personagem profa. Dolores deixa cicatrizes, ou seja, marcas, em uma das mãos

de Harry, por ele ter “contado mentiras”. Segundos depois, as outras meninas parecem perceber também, e todas riem. Mas ninguém responde minha questão e o assunto muda. Pareceu-me que este grupo ainda não consegue desbravar o mundo da política sem mediação. Penso o quão rica poderia se tornar esta vontade de aprender com o mundo de Harry Potter em um projeto que trouxesse o mundo da política dos livros em analogia ao mundo da política real que é vivenciado, ainda que imperceptivelmente, pelas jovens fãs.

A questão social nos livros também é bem ampla. O mundo de Harry Potter traz uma gama de diferentes humanos: trouxas, bruxos, abortos (filhos de um casal de bruxos que nasceu sem poderes mágicos), sangues-ruim (denominação pejorativa para filhos de trouxas que nasceram bruxos), sangues-puros (denominação esnobe para filhos de bruxos que são bruxos), mestiços (filhos de bruxos com outras criaturas semi-humanas como *weelas* e gigantes). Além disto, aparecem diversas etnias entre os alunos, como judeus, orientais, negros, bem como outras criaturas mágicas “pensantes”, como elfos domésticos (que adoram servir famílias de bruxos) ou centauros. Um dos centauros é convidado pelo diretor da escola a dar aula e é possível perceber na história o preconceito que sofre por ser diferente. Vezzali *et. al.* conduziu 3 estudos nos quais concluiu que a leitura extensiva dos livros de Harry Potter melhoraria atitudes dos leitores em relação a grupos considerados marginalizados em diversas culturas como imigrantes, homossexuais e refugiados (VEZZALI, STATHI, GIOVANNINI, CAPOZA, & TRIFELETTI, 2014, p. 9-11).

Cito para o grupo a diversidade de humanos e seres pensantes da história, e me atendo ao centauro já citado, que foi convidado pelo Diretor Dumbledore para ser professor em Hogwarts em um dos livros. M. prontamente responde, dizendo que dentre os desenhos que fez, um deles foi o unicórnio, um dos animais mágicos que aparecem na história. Mas na história o centauro é uma criatura pensante, ativa,

e o unicórnio é um animal mágico. A conversa que poderia evoluir para diversidade ou preconceito acaba deixando como nuances de entendimento que centauros e unicórnios são animais. É possível que a relação de comparação não tenha passado pela existência de um cérebro pensante e tenha se atido a semelhança a um cavalo, que advém as duas figuras.

O assunto se volta à maneira como funcionam alguns feitiços, se a varinha mágica deve estar virada para a própria pessoa em algumas situações, como quando ela quer falar com voz de megafone, ou se basta estar portando a varinha, assunto que domina vários minutos de acalorada discussão. O assunto muda para as "casas de Hogwarts", que são um modo de divisão dos alunos semelhante às fraternidades de universidades estrangeiras. N. e M. disseram ter feito o teste do site *Pottermore*, e informam bem felizes que são de *Grifinória*, mesma casa do trio protagonista. L. se empolga e diz que fará à noite o teste para saber sua casa, e que fará o do patrono também. Ela dormirá na casa de N., que a ajudaria a entrar no site, já que não tem familiaridade com a internet. N. diz novamente que está muito feliz com seu patrono, um cavalo, já que adora cavalos.

O assunto se volta para as cenas mais impactantes da história. N. diz que chorou na morte de Dumbledore, M. diz que chorou na morte do Sirius, que "recém tinha descoberto que era padrinho do Harry Potter e de repente morreu".

O assunto muda, e M. diz que desenhou "o pomo, o desluminação, unicórnio, gira-tempo, firebolt, brasão da Grifinória", informando estar chateada por não tê-los levado para a "reunião de Harry Potter". Peço para ela me mandar as imagens por celular, ela informa que não tem celular. Fico sabendo que nenhuma das quatro têm celular, mas que alguns colegas de sala da escola, sim. M. continua falando dos desenhos, e diz ter desenhado o brasão da Grifinória por ser "a casa mais legal, já que é a casa de Harry".

O horário estipulado como final da “reunião” se aproxima, e os pais de M. e K. as levam embora. Como N. e L. ainda estão presentes e ainda há um pequeno tempo, pergunto se elas querem tirar fotos que simulam o vôo de uma vassoura, como nos livros. Elas se empolgam, tiram várias fotos, simulam uma criativa “batida aérea de vassouras” e ficam muito contentes com o resultado.

Houve oportunidade, algumas semanas depois, de acompanhar uma das meninas ao cinema para assistir o novo filme da franquia citado no dia da pesquisa, “Animais Mágicos e Onde Habitam”. Apesar de ser um filme passado no mesmo mundo mágico de Harry Potter, sua história se passa décadas antes, o cenário retrata a Nova York de 1926 ao invés da Europa e os personagens principais são todos adultos. A ansiedade de N. ao entrar no cinema era intensa. Após o filme, porém, constatou-se que a atenção da jovem ficou voltada apenas para as novas criaturas mágicas exploradas no filme, e não ao enredo ou à aventura que havia recebido grande destaque para as 4 entrevistadas. Percebo que a nova saga não apresenta o cotidiano de jovens, que é sua vivência, e lembro do comentário “[...] não vai ter o Harry Potter” proferido por M. no dia do questionário. Ela já sabia que a trama não mostraria Hogwarts nem outra escola e sabia que, dentre os protagonistas, não haveria nenhum personagem de sua faixa etária no enredo.

Considerações Finais

Revelou-se interessante ter selecionado a saga literária de Harry Potter que, além da identificação com o público, contou com acréscimo de outros tipos de mídia sobre o mesmo conteúdo, como vídeos no *Youtube*, site oficial e adaptações cinematográficas que, através da articulação de conhecimentos e geração de novas ideias por parte das entrevistadas, favoreceu o diálogo necessário para a educomunicação e a própria interação com seu público-alvo em geral.

No caso das 4 crianças estudadas, foi possível ver o interesse em expressar seus sentimentos sobre a história por meio das artes, seja no desenho de M, seja nas pulseiras de L. ou na confecção de uma varinha por N.: foi como se elas estivessem gritando a altos brados: “eu amo a Grifinória” (sobre o desenho do brasão feito por M.), “eu quero ser bruxa”, sobre a confecção de varinha de N., “eu quero que vejam que eu sou de Hogwarts”, com as pulseiras que L. ostenta em seus braços. K. também parece ter se expressado da maneira que achou mais interessante comprando uma varinha oficial, “igual” a do protagonista. Como a educomunicação também busca instigar a criatividade, autonomia e a expressão, já é possível encontrar as primeiras nuances esperadas.

Nos questionários, cada uma delas mencionou que “amava” a narrativa. A apropriação do conteúdo da história parece se dar mais profundamente conforme elas entram em imersão no contexto: aventuras em um mundo conhecido, o escolar, cercado dos mesmos problemas que elas conhecem (e percebem), acrescido da magia que envolve a trama e a torna mais interessante. De acordo com BELLONI (2010), as formas do público jovem perceber o mundo e de a ele atribuir significados têm referências das mídias. Como as associações apresentadas parecem ter mostrado alto valor quando há comparação imediata com o que vivenciam, por exemplo, quando citaram relacionamento com amigos, professores “legais” e “chatos”, especula-se que a história tenha gerado uma melhor compreensão do mundo real ou mesmo auxiliado a criar opiniões e respeitar opiniões distintas, sendo esses alguns traços que buscávamos observar durante a pesquisa.

Sobre o novo filme, acredito não encontrarmos o mesmo envolvimento emocional. Ele não conta com os jovens estudantes e a trama se mostra mais madura pelo envolvimento menos velado de questões políticas e sociais em detrimento das aventuras tão interessantes para jovens de 12 anos. Isto ganha destaque em um filme contracenado por adultos, sem representação etária que gere identificação. Talvez

por isto, N. tenha mencionado sentir falta do trio e de suas peripécias após sair do cinema. É curioso que, ao se fazer um paralelo entre as duas histórias (a saga Harry Potter e o primeiro filme da saga Animais Fantásticos), seja possível notar semelhanças nas tramas, como um herói que por muitos anos viveu deslocado em um mundo onde não se sentia pertencente, um antagonista que quer sobrepujar os bruxos em detrimentos dos trouxas, complicações que impedem o herói de realizar o que deseja, dentre outros. Há uma aura que envolve os respectivos protagonistas, Harry Potter e Newt Scamander e ambos seguem a jornada do Herói, porém, é somente Harry Potter quem recebe reverência de N..

Entrando no aspecto de apropriação/interpretação da obra, haveria, de acordo com Bordwell e Thompson (BORDWELL, THOMPSON, 2013, p. 124) quatro significados possíveis organizados pelo nível de abstração: referencial, que seria o resumo da história da obra; explícito, a mensagem do filme (o que ele quer dizer de maneira explícita, clara); implícito, que é algo que o filme traz de maneira mais velada, não tão evidentemente exposta; e sintomático, que seria a ideologia por trás do filme. Pude perceber que as jovens conseguiram chegar até a interpretação explícita, não pelo reduzido campo de experiência que jovens com pouca idade poderiam ter, mas sim pela satisfação garantida pela imersão na história. Esperava que houvesse um pouco de interpretação implícita; houve clara oportunidade quando ocorreu uma fala preconceituosa por parte de N. sobre “gente de favela”, um dos integrantes do trio protagonista pertence claramente a uma família que passa por dificuldades financeiras e há um adulto “meio gigante” amigo do trio a quem a possibilidade de estudar foi retirada. Parece-me que aí poderia haver uma possibilidade para diálogo e leitura crítica do conteúdo, abrindo espaços para práticas educacionais. A saga Harry Potter possui, como exposto, diversas passagens onde é possível trabalhar a leitura crítica de mundo e a dialogicidade

em espaços educativos permitindo um maior interesse e participação ativa por parte dos estudantes.

Percebo nuances de autonomia e protagonismo, características prezadas pela educomunicação, principalmente nos diálogos que envolveram o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como quando M. e N. buscaram informações sobre Harry Potter nas redes sociais, ou quando M. se propôs a auxiliar L. a usar a internet. Conforme BELLONI (2010), as TICs se transformam e ocupam cada vez mais o tempo livre no imaginário de crianças e adolescentes; as mídias eletrônicas serviriam como meio de socialização para as novas gerações. Ocupam bastante tempo livre dos jovens e fornecem conteúdos voltados a eles, como heróis, mitos e valores, que ajudariam a construir seu imaginário e suas próprias representações. Embora o colégio desencoraje uso da televisão e internet até o ensino médio (nona série na seriação Waldorf), M. e N. mostraram saber como realizar pesquisas na internet bem como o funcionamento de algumas redes sociais. Ao meu ver, este parece ser o momento de aproveitar o uso da cultura digital a favor do protagonismo juvenil para estas meninas, principalmente por algumas características da internet. Talvez, mesmo dentro da própria escola, um projeto educ comunicativo que envolva obras nas quais a juventude sinta-se representada, trazendo participação e autonomia para os sujeitos envolvidos, interdisciplinaridade e, principalmente, o protagonismo e a criatividade permitiria que assuntos como história e política (no caso estudado, a semelhança com nazismo e ditaduras), preconceito (no caso estudado, os nascidos trouxas são excluídos por alguns colegas), e diversos outros assuntos permeados pela saga citada entrem naturalmente na vida dos jovens e se transformem desde cedo em pensamentos críticos e protagonismo para atuação cidadã. Cito projeto educ comunicativo pois,

A educomunicação tem como principal objetivo a promoção da transformação social por meio da instauração de ações comu-

nicativas protagonizadas por sujeitos sociais, incluindo crianças, adolescentes e jovens, em diferentes espaços sociais. Tem ainda como finalidade identificar, planejar, implementar e avaliar práticas pedagógico-comunicacionais que fomentem a participação plena e ativa de toda a comunidade educativa. (MELLO e SOARES, 2015, p. 78)

Apesar de ter abordado uma saga específica, há várias outras histórias presentes em livros, filmes e até jogos digitais que permeiam o mundo juvenil com um bom índice de aceitação. O que faz pensar que, partindo do conteúdo de obras ficcionais juvenis que alcancem envolvimento dos leitores, escolher temas geradores que permitam disparar diálogos e novos olhares sobre questões que cercam os jovens talvez abrisse novos caminhos para realizar projetos de cunho educ comunicativo, não apenas dentro de uma instituição de ensino como também fora dela.

Referências

BELLONI, Maria Luiza. *Crianças e Mídias no Brasil - Cenários de Mudança*. Campinas, SP: Arquivo Kobo. Paginação irregular.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *A Arte do Cinema: uma introdução*. Trad. Roberta Gregoli. Campinas, SP: Editora da Unicamp. São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

GUZZI, Drica. Proibir, vigiar ou reger o uso das redes sociais por crianças: *in CGI-Brasil. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015, 387 p. Disponível em: < http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico>.p. 47 a 52. Acesso em 02 fev. 2017.

LIMA, Roberto. Como surgiu a literatura infanto-juvenil. *Site Recanto da Letras*. 2011. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/redacoes/790118>. Acesso em: 01 fev. 2017

CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

De que forma e com quais benefícios poderia ocorrer a (re)interpretação da obra...

MELLO, Luci Ferraz; SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa: mapeando as habilidades de protagonismo e diálogo em ações educativas: in *CGI-Brasil. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação das escolas brasileiras*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015, 387 p. Disponível em: http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Edu_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf .p. 77 a 84. Acesso em 20 maio, 2018.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SANTOS, Alexandre Moreira. *Fandoms virtuais: potenciais educacionais na educação informal*. São Paulo: 2016, 104 p.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VEZZALI, Loris; STATHI, Sofia; CAPOZZA, Dora; TRIFILETTI, Elena. *The greatest magic of Harry Potter: reducing prejudice*. In: *Journal of Applied Social Psychology*. 2014. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jasp.12279>. Acesso em 01 fev. 2017

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Sobre a autora

Vanessa da Silva Brenner Slongo - Pós-graduada em Design Instrucional pelo SENAC-SP: slongovb@gmail.com